



História Cultural

VII Simpósio Nacional de História Cultural

**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

HISTÓRIA CULTURAL, ESPAÇO URBANO E CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA: DA CIDADE DO CAFÉ À METRÓPOLE PAULISTANA

Yvone Dias Avelino*

Este artigo é um ponto de partida para refletirmos novas trilhas da exploração histórica da construção dos espaços da urbe, especificamente a cidade de São Paulo e suas transformações, objetivadas pelo contexto histórico da urbanização e industrialização global brasileira, levando-se em conta os grandes e pertinentes avanços da História Cultural¹, considerada como a corrente historiográfica predominante atualmente, e que agrega amplo espectro de campos temáticos e diversidade de objetos de pesquisa. Sobre a História Cultural, “*É na realidade o empenho de historiadores e outras áreas do conhecimento em inventar e requalificar o passado, bem como imaginar e sonhar o futuro para melhor explicar e agir no presente*”.² Portanto, utilizaremos o recurso da memória na literatura e na historiografia para levantarmos em um curto espaço temporal a cidade que, de burgo de estudantes, passou a ser conhecida como a metrópole do café, e posteriormente, cidade-metrópole, pelo seu desenvolvimento industrial.

* Titular do Departamento de História da PUC-SP. Coordenadora do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade – NEHSC – da PUC-SP. Editora Científica da Revista Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade (<http://revistas.pucsp.br/cordis>). Coordenadora do Curso de Lato Sensu “História, Sociedade e Cultura” – PUC-SP/COGEAE.

¹ PESAVENTO, S. J. (Org). *História Cultural*. Experiências de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 212.

² Idem, *Ibidem*.

Escrever sobre cidade é muito complexo, é um tema difícil de ser abordado, que nos remete a um passado cheio de controvérsias e contribuições. A cidade como forma de espaço de socialização é uma invenção do ocidente, ainda que outras civilizações tenham também habitado algum tipo de urbe. Parece haver concordância em torno da ideia de que esse modo de vida mostre sua expressão mais alta na cidade de Atenas, na Grécia antiga, durante o Século de Péricles. Aí, além das manifestações artísticas e arquitetônicas que até hoje produzem espanto e admiração, desenvolveram-se três formas de convivência social, que marcaram profundamente o ocidente – a democracia, a filosofia e a tragédia. O culto ao herói abre caminho para o individualismo, que só vai adquirir plena configuração na Europa do Século XVII.

O império romano, com seu complexo sistema jurídico e sua disposição para o convívio, também contribuiu fortemente para o urbanismo contemporâneo. As cidades medievais giravam em torno da Igreja e da Feira, chamando-se às vezes de Burgos, e aí vão se constituindo os burgueses, seus moradores, que bem mais tarde vão adquirir um outro significado. Essas eram em geral cidades sitiadas por muros, que recebiam o campesinato, quando estes chegavam para as trocas comerciais e as festas religiosas.

Na Europa, a população assistiu nos finais dos Séculos XV e XVI a uma fantástica expansão das funções comerciais das cidades, que coincidem com a crescente hegemonia política da burguesia que, vai aos poucos, ao lado da realeza, constituindo o Estado absolutista. Este é o período da expansão marítima, que vai dar os tons diferenciados ao original e proveitoso sistema mercantilista europeu. À sua maneira, cada cidade vai conquistar a sua força econômica, política e social e sua expressão na história mundial.

Os entrepostos mercantis de Lisboa, Sevilha, Cadiz, Flandres, Londres, tiveram seus dias de glória e ascensão acelerada nessa época. Entretanto, vamos refletir e observar que as grandes cidades do presente pouco ou nada se assemelham aos períodos anteriores. Nestas, a quantidade de ações padronizadas e repetitivas que se entrelaçam, às vezes, para nós, pouco visíveis, acabam por constituir uma rede cada vez mais global e complexa que, paradoxalmente, sustenta uma subjetividade narcisista expressa pelo ego individualista. Assim, as grandes tentativas contemporâneas de coletivização fracassam, e esta estrutura social, que torna a humanidade cada vez mais interdependente, se estende em tamanho e complexidade.

O espaço urbano é cheio de paradoxos e contradições, e é à sua volta que o ser humano vai nascendo, vivendo e morrendo. A cidade contemporânea é uma invenção do homem, é como um espelho que conseguiu refletir as desigualdades sociais, as grandes injustiças que aí se observam, como mazelas, exclusões, contrastes e violências.

As transformações econômicas e sociais deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não-verbal, partilhada de imagens, de máscaras, que têm como significado o conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças que nutriram, através dos tempos, o cotidiano dos homens.³

No sentido sartriano, a cidade é “(...) o que não é, e não é o que é”. Mas neste vir a ser, algumas palavras se aglutinam, alguns sentimentos pulsam no silêncio dos passos na calçada, na noite escura, solidão, medo, crime e sedução. É a cidade das luzes, é o homem da multidão, é a emoção do desconhecido, tão bem expressos nos escritos de Walter Benjamin.⁴ Se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpre-nos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir entre as suas funções originais aquelas que dela emergiram, e aquelas que podem ainda ser invocadas.

Sem uma longa carreira de saída pela História, não teremos a velocidade necessária, em nosso próprio consciente, para empreender um salto suficientemente ousado em direção ao futuro, pois grande parte dos nossos atuais planos, sem exceção de muitos daqueles que se orgulham de ser “avançados” ou “progressistas”, constituem-se em pouco engraçadas caricaturas mecânicas das formas urbanas e regionais que ora se acham potencialmente ao nosso alcance.⁵

Como já se passaram quase seis mil anos para chegarmos a uma compreensão parcial da natureza e do drama da cidade, talvez seja necessário um período ainda mais longo para esgotar todas suas potencialidades. No alvorecer da História, a cidade já é uma forma amadurecida, mas no presente artigo, não iremos aprofundar tais questões, pois não se fazem necessárias, dada a natureza e o objeto desta pesquisa.

Quantos olhos são necessários para enxergar uma cidade? Quantas cidades enxergamos em apenas um olhar? A cidade é uma via de mão dupla, porque não carrega apenas os sinais, as marcas das transformações, as cicatrizes da cada época, de cada

³ FERRARA, L. F. *O Olhar Periférico*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 202.

⁴ BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas, Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁵ MUNFORD, L. *A Cidade na História: Suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 443.

período. A cidade é um palco de representações, de dicotomias, desencadeadas pelos signos de quem a faz e refaz todos os dias: seus habitantes. Mas ela é também personagem de quem a olha de forma mais visceral, mais profunda, de quem evita, mesmo por momentos curtos, o condicionamento que Walter Benjamin condenava como uma doença que impede a aproximação da cidade pelo cidadão.⁶ Uma cidade que se desvela somente para quem ousa ir além desse olhar condicionado, desse olhar que não supõe e não permite comunicação.⁷

Se a descrição da natureza basta para criar uma bela imagem da cidade-personagem, como o movimento que produz poesia, vislumbrado por Charles Baudelaire⁸, é a ideia de multidão em diferentes direções, em distintos compassos, dos olhares de soslaio, e é também a ideia de perder-se na cidade-labirinto, que deve ser explorada delicadamente. Ao percorrer a cidade de forma aleatória, instintiva e intuitiva, o flaneur é capaz de captar o espírito de uma época, registrada em uma história da imagem urbana.⁹

Como um bom flaneur, Frederico Branco, em suas crônicas sobre a cidade de São Paulo, por exemplo, nos apresenta memórias saborosas. Recolhe o autor de uma forma muito interessante os cacos e os acontecimentos da cidade através de suas reminiscências.¹⁰ Recupera alguns espaços da escrita e da memória, lendo a cidade com um olhar romântico de alguém que tem saudades do que passou. Ele apresenta a cidade do seu tempo, uma São Paulo com ritmo menos acelerado, mais calma. Cidade onde a arquitetura transforma-se mais rápido que os homens. Observa a cidade em busca do progresso, trazendo cenários de suas lembranças, espaços sociais que mudaram com o tempo, como os bares, o cinema, o Mappin e o edifício Martinelli. O bar era ponto de encontro e de conversa. Os cinemas localizavam-se no centro da cidade, e eram locais de descobertas e entretenimento. O Mappin, espaço de glamour. E o edifício Martinelli, território de conflitos e de diversidade econômica. Lugares da memória de um cronista que viveu um tempo, e uma cidade que se transformou em algo distinto de sua lembrança,

⁶ BENJAMIN, W. O Flaneur, In: *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas, Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁷ SARLO, B. *Paisagens Imaginárias*. Arte intelectual e meios de comunicação. São Paulo, EDUSP, 1997.

⁸ BAUDELAIRE, C. *As Flores do Mal*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

⁹ BENJAMIN, W. Op. Cit.

¹⁰ BRANCO, F. *Postais Paulistas*. São Paulo: SENAC, 2002.

que lhe traz muitas saudades. Saborear suas páginas é realizar um passeio pelo passado, confrontando-o com o presente.

As cidades apresentam-se como expressões da cultura em suas múltiplas facetas. Para entendê-las, faz-se necessário decodificar as imagens que emergem das diversas formas de linguagem que expressam o seu conteúdo e que vão nos dar o norte para interpretá-las na sua arquitetura, nos sinais de trânsito e nas diferentes marcas de suas múltiplas identidades no tempo e no espaço.

As cidades são experiências visuais, lugares saturados de significações, acumuladas através do tempo. Tão bem expresso no texto de Maria Stella M. Brescianni, a cidade de São Paulo desponta com sinais do progresso¹¹, e vai ser o objeto concreto com o qual trabalharemos daqui em diante, cruzando-a com o desenvolvimento econômico/industrial do Brasil. A razão deste cruzamento se marca pelo significado histórico desta cidade dentro da temática que estamos abordando.

A expansão territorial e a variedade das construções e da população, entremeadas de paulistas e de imigrantes fazem surgir na cidade novos espaços, alguns compostos por burgueses, como é o caso dos bairros de Campos Elíseos e Higienópolis, com praças e jardins bem cuidados, ruas de traçados perfeitos, que abrigam imensas e arborizadas mansões, onde habitam os detentores do poder. São Paulo cresce numa velocidade tão grande, a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior. As lembranças são mais duradouras que o cenário construído, e não encontram nele um apoio e um reforço. Os estudos históricos tornam-se, então, duplamente necessários, para que não se deixe cair no esquecimento os lugares da vida passada e, para restituir profundidade, a experiência do ambiente urbano.

Dentro desta reflexão, lançamos o nosso olhar de historiadora sobre a cidade de São Paulo pelo viés também de uma obra literária, que pode ser definida em uma palavra – emoção. Trata-se do romance de Maria José Dupré, “Éramos Seis”¹², publicado pela primeira vez na década de 40, onde a autora nos relata uma vida familiar de seis pessoas muito unidas, que viviam na cidade de São Paulo, na Avenida Angélica, na primeira metade do Século XX.

¹¹ BRESCIANNI, M. S. M. História e Historiografia das cidades. Um percurso, In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

¹² DUPRÉ, M. J. *Éramos Seis*. São Paulo: Ática, 1994.

Maria José Dupré foi um dos nomes mais populares da literatura brasileira. Publicou o referido romance em 1943, com uma entusiástica apresentação de Monteiro Lobato. O sucesso se estabeleceu rápido, em virtude também da grande quantidade de obras que escreveu, tanto para o público adulto, quanto para crianças e jovens. Apesar dessas várias publicações, foi o romance “Éramos seis” que a lançou efetivamente no mercado editorial. Tal obra foi traduzida para diversas línguas, e transformada em filme na Argentina, e em telenovela no Brasil. A preocupação central da autora nessa obra foi construir a trajetória de uma família urbana. A construção do cotidiano dos personagens, que constituem a esfera familiar da trama, está ligada diretamente ao próprio cotidiano da cidade de São Paulo, e, em alguns momentos significativos, ao do próprio país. A tessitura literária que foi criada trouxe para a produção do romance brasileiro o drama de uma história sem pré-determinação, onde o inesperado se transformou em um elemento fundamental da vida desta família. Os significados das diferentes experiências vivenciadas por seus membros são filtrados pelo olhar atento, carregado de ternura, da mãe, que vai memorizá-los mais tarde.

As lembranças, as reminiscências, memórias e esquecimentos, estão relacionados com o cotidiano. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente, a história é uma representação do passado, tão bem trabalhado por Nora¹³. O sofrimento, as mortes, as festas, vitórias e derrotas em cada um desses tantos anos narrados, ficaram assinalados na vida familiar, por um ou outro acontecimento importante da cidade, que fez desaparecer os outros fatos ocorridos na mesma época, e que serviu para mais tarde separá-los, levando cada um a seu destino, longe do núcleo familiar.

Assim, vai a narradora descortinando memórias e fixando temporalidades. Memórias de tia Emília trazem a história memorizada dos pioneiros de São Paulo, das famílias ricas, onde a sua é uma delas. A memória dos dominantes, dos barões do café e da burguesia industrial, que emergiu do centro urbano com o processo da urbanização. A cidade se desodorizava e se valorizava, com profundas e grandes transformações. A autora não se descuida de apresentar também o melhoramento econômico da família na relação com as mudanças da cidade. Novas casas comerciais, que elevavam as concorrências, novas moradias, com arquitetura arrojada, com estilo europeu, novos

¹³ NORA, P. *Les Lieux de Memorie*. Paris: Gallinard, 1984.

postos de trabalho, como as mecânicas de automóveis, onde um dos filhos foi trabalhar, que se proliferaram com a mão de obra necessária, com o aceleração da indústria automobilística. São Paulo é uma cidade que passou por várias transformações no breve período de sua história como cidade importante: três cidades construídas e destruídas num século, como diz Benedito Lima de Toledo.¹⁴ Os sujeitos transformando a cidade, e sendo transformados por ela. Relações sutis de um processo normal. Loteria, inflação, juros, concorrência, seguro de vida, a rua se transformando com novas edificações, novos valores, entre os ricos na Avenida Paulista, e o conceito do nu na arte. O trabalho da personagem principal em contraposição ao não-trabalho das outras vizinhas, que passeavam de automóvel e tomavam chá com bolo às tardes, umas nas casas das outras. A nossa narradora fazia os bolos, e vivia disso.

O café é o símbolo de troca, de experiências, de encontros alegres, mas também é servido nos momentos de sofrimento – morte. O significado do café para a vida das pessoas no romance aparece com clareza durante o sofrimento do filho mais velho, onde a mãe promete, caso este se recupere de sua enfermidade, vai ficar cinco anos sem beber café. E se necessário for, o resto da vida. O café em troca da saúde de um ente querido. O chá e o café são representações e estilos de lugares sociais nesta São Paulo.

A cidade de São Paulo, no início da fase republicana, foi se reconstruindo, mostrando uma nova fase do urbano e de seus múltiplos problemas e ações sociais. No âmbito internacional, o capitalismo passava por profundas transformações, desde os finais do Século XVIII e início do XIX. A Revolução Industrial inglesa modificou o comportamento econômico mundial e, na medida em que, na sua evolução, atingiu outras regiões, era natural que aumentassem as necessidades de mercado. A economia mundial entrou na fase de concorrência acelerada, onde conseguia maiores lucros quem conseguia colocar com rapidez no mercado os melhores produtos com preços mais acessíveis. Indiscutivelmente, a Inglaterra liderava essas posições, fazendo-se presente em todo o mundo, não desprezando os novos mercados, que iam se organizando, inclusive na América Latina e no Brasil. São Paulo despontava como um espaço privilegiado. O fim dos monopólios abriu imensas possibilidades comerciais com o rompimento do pacto colonial, que ampliou as possibilidades mercantis, substituindo o mercantilismo pelo livre cambismo. E as jovens nações do Novo Mundo caíram irremediavelmente nas malhas do

¹⁴ TOLEDO, B. L. de. *São Paulo: Três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

colonialismo. O centro dinâmico do capitalismo ainda continuava na velha Europa, e os demais continentes, mais uma vez, assumiram o papel periférico na economia mundial. Com exceção dos Estados Unidos, nenhuma nação jovem da América tinha força política e econômica no mundo capitalista da época.

O modelo de desenvolvimento gerado pelo impulso de modernização e de mudanças sociais e econômicas na América Latina e, em específico no Brasil, impôs limites à hegemonia política do sistema de poder e de dominação oligárquica. O desenvolvimento baseava-se na exportação de produtos dos setores agropecuários e de mineração para o mercado mundial. Esta chamada “expansão para fora” diversificava-se pelo impulso da demanda externa, criando novos elementos causadores da crise do antigo sistema. A estrutura gerada nessas sociedades mais dinâmicas favoreceu o surgimento de uma economia urbano industrial, em ritmo lento, mas contínuo, que fez emergir novos grupos de pressão que se contrapunham ao poder e ao modelo constituídos. Foi a economia cafeeira o principal centro de acumulação de capitais, e foi nesta região do café que o desenvolvimento das relações capitalistas tornou-se mais acelerado, onde se encontrava a maior parte da indústria nascente brasileira.

Há um alto grau de consenso entre os estudiosos, entre eles José de Souza Martins, quando se trata de identificar o ponto germinal da moderna industrialização no Brasil: este é dado pela união, no final do Século XIX, entre a abolição do trabalho de regime escravo, a concentração de renda no sudeste do país (em especial na área cafeeira de São Paulo), e o incentivo à entrada de trabalhadores europeus.¹⁵

Essa constelação de fatores responde basicamente pela capacidade que a economia nacional demonstrava de fazer frente de uma forma dinâmica aos sucessivos desafios lançados pelas mudanças no mercado internacional, do qual era dependente através da exportação de café e alguns outros produtos tropicais.¹⁶

Os trabalhadores europeus passaram a substituir os ex-escravos, e a desalojá-los das atividades produtivas nas áreas mais avançadas e, em especial, nos centros urbanos, na fase da cafeicultura. Esses imigrantes eram elementos reforçadores das mudanças nos padrões de atividades econômicas e de dominação social. Possuíam hábitos de consumo

¹⁵ MARTINS, J. de S. *O Cativo da Terra*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

¹⁶ COHN, G. *Problemas da Industrialização no Século XX*, In: MOTTA, C. G. *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Escritos, 1968, p. 68.

diversificados em relação aos diferentes grupos sociais. Se de um lado eram superiores os seus gostos, de outro, eram menos exigentes que os grupos dominantes, senhoriais, consumidores de requintes e de produtos importados. Conjugação ideal de capacidade produtiva e de exposição para consumir manufaturados não sofisticados ao alcance da produção local. As condições aceleradas das mudanças que ocorriam, sua expansão nas cidades, foram os responsáveis pela criação das primeiras categorias de trabalho urbano e assalariado.

Tema de suma importância para a historiografia brasileira, a e/imigração tem sido privilegiada pelos historiadores e cientistas sociais, pois uma das maiores características da formação da identidade brasileira está na mistura de raízes étnicas, que marcaram presença através de suas atividades culturais tradicionais, que foram transplantadas para o Brasil, principalmente através da imigração de portugueses, italianos, alemães, espanhóis, japoneses, sírio-libaneses, russos, húngaros, poloneses, armênios, afro descendentes e judeus que, conjuntamente com as etnias nativas, européias, e afro-descendentes, formaram o povo brasileiro.

A região sudeste, especificamente a cidade de São Paulo, conhecida como Cidade da Garoa, por suas constantes chuvinhas vindas da Serra do Mar, no final das tardes, foi o principal destino para esses imigrantes. Não nos esqueçamos também de que nesse período outros sujeitos vindos do norte e nordeste brasileiro, junto desses personagens, coloriram o cenário, trazendo também uma riqueza de sons, cores e sabores, mas como os portugueses, aspiravam principalmente a necessidade de uma colocação no mercado de trabalho.

Em relação aos portugueses, foram várias as profissões exercidas, entre as quais, muitos dirigiram-se às atividades agrícolas, outros às atividades comerciais, outros à indústria. O Brasil era idealizado como um lugar de oportunidades de trabalho, liberdade, riqueza e prosperidade para seus descendentes. “Fazer a América” ainda continuava exercendo uma grande atração. A vida nas novas terras não foi fácil. Exigiu sacrifícios e coragem para transpor as dificuldades que se apresentavam, e eram inúmeras.

Para apurar a veracidade dos dados referentes às profissões exercidas pelos portugueses nesse período, analisamos o arquivo do Memorial do Imigrante em São Paulo, e os cruzamos com leituras bibliográficas sobre a temática, além da utilização da Técnica de História Oral, que já há algum tempo vimos utilizando nesta pesquisa. Confrontados estes dados com várias leituras bibliográficas sobre o assunto, nos vimos diante de uma revelação riquíssima, que nos apontou uma variedade de profissões exercidas, como padeiros, panificadores, pedreiros, sapateiros, jornaleiros, feirantes, balconistas, técnicos de acabamentos em tecidos, comerciantes, pintores, operários, jardineiros, alfaiates, empregadas domésticas, hoteleiros, barbeiros entre outros, além de

estudantes. Convém ressaltar que muitos deles tiveram a reclassificação profissional registrada no passaporte, pois vinham como agricultores.¹⁷

Com o crescimento do setor de serviços, ampliou-se significativamente o número de profissionais que passaram a constituir as diversificadas categorias específicas do trabalho no mundo urbano. Aos poucos, com a constituição da indústria, houve a gradual convivência dos artesãos com o imenso exército de operários.

Os imigrantes que formavam a parte ponderável da população na cidade de São Paulo não eram apenas operários. Havia uma gama de novos profissionais que as exigências da vida urbana iam multiplicando ou criando. Era um caleidoscópio de cores variadas, que davam à cidade um aspecto bizarro e multicolorido.

A grande indústria foi implantada no Brasil ao lado das fábricas rudimentares do Século XIX, importando técnicas e formas de organização avançadas, superiores à nossa situação social. Muito embora isso tenha acontecido tardiamente, por sermos, sem dúvida, um país de vocações agrícolas, que fornecia produtos primários para a crescente indústria capitalista europeia e norte americana, pôde o país entrar na fase de um incipiente desenvolvimento econômico. Isso só ocorreu quando os outros países já estavam em plena maturidade industrial.

Desde o período imperial, os surtos industriais brasileiros não passavam de simples oficinas artesanais, que ainda não haviam se desenvolvido o suficiente, e eram produtos que a indústria inglesa não supria. Ao mesmo tempo, em um determinado momento, instalaram-se as unidades fabris de maior potencial, que utilizavam volumes crescentes de capital e mão de obra, obrigando o fechamento das velhas fábricas. Foi o caso das pequenas fundições que a moderna siderurgia esmagou, financiada pelo capital financeiro internacional ou estatal, no início do Século XX.

Ramos da industrialização, como as de carne, seguiram uma evolução acelerada, independente das tradicionais, charqueadas anteriores. Durante o período da Primeira Grande Guerra Mundial, várias firmas sustentadas pelo capital estrangeiro, que oferecia tecnologia mais moderna, aqui foram instaladas: Wilson, Armour, Swift e outras, que visavam não o mercado interno, mas o externo. Concomitantemente, as indústrias do Grupo Matarazzo investiam em família, na fabricação de óleo e sabão e, Jorge Street, com

¹⁷ AVELINO, Y. D. De Além-Mar à Terra da Garoa: Travessias Portuguesas, In: SARGES, M. de N. Et. Al. (Orgs.). *Entre Mares: O Brasil dos portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 2010, pp. 252-253.

a fiação e tecelagem, com importação de maquinários e financiamento de bancos internacionais.

Este último empresário, inclusive, é visto como um “socialista utópico” por seus pares, ou de “simples burguês” (burguês já no sentido moderno desta denominação, de forma pejorativa, caricata) pela imprensa operária da época, como bem nos aponta Palmira Petratti Teixeira¹⁸. Ele foi antes de tudo uma figura extremamente controversa. Organizou a Vila Operária Maria Zélia, idealizada e construída por ele em 1912, onde moravam e trabalhavam seus operários. Esta Vila contava ainda com inovações ao espaço urbano, como creches, escolas e farmácia. Street anteviu com precisão os resultados do processo de industrialização e de emergência das camadas assalariadas urbanas pelos quais passava o Brasil. Levantando-se contra o falso liberalismo, contra a política repressiva e paternalista da Velha República, tornou-se líder máximo do avanço do capitalismo e das relações sociais na indústria no Brasil nas décadas de 20 e 30.

Ela (a indústria brasileira) compõe realmente, uma enorme parte da riqueza do país: constitui poderoso fator de produção. É um grande patrimônio que, aos filhos desta terra, cabe corajosa e francamente defender, porque esse patrimônio traduz uma força econômica genuinamente brasileira (...)¹⁹

Outro importante ramo onde investiu a indústria estrangeira foi o automobilístico. Na Década de 20, as empresas norte-americanas Ford e General Motors instalaram na cidade de São Paulo oficinas para montagem de veículos, com peças importadas de suas matrizes. Algumas dessas peças passaram depois a serem fabricadas nessas oficinas, porém, a participação do capital nacional nesse setor só aconteceu efetivamente bem mais tarde, com a indústria de autopeças. A cidade de São Paulo, assim como outras, cresceu inicialmente à tutela de bens primários, criando um ambiente propício para a industrialização, pois, num mesmo espaço geográfico, encontravam-se mão de obra e consumidores em larga escala, fatores decisivos para a remodelação cidadina tão necessária para o cenário moderno de urbanização e industrialização.

Nesse processo, em São Paulo encontramos na escala superior da estratificação social representantes do setor dominante da economia cafeeira, fazendeiros e

¹⁸ TEIXEIRA, P. P. *A Fábrica do Sonho*. Trajetória do industrial Jorge Street. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

¹⁹ STREET, J. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 11/12/1912.

financiadores, tipos especiais da urbanização no contexto de uma economia agrária. Não significa que os cafeicultores se transformassem em empresários industriais, pois estes foram recrutados também em outras camadas sociais, mas introduziu-se no sistema uma flexibilidade de atuações destes agentes, que proporcionou um desenvolvimento econômico variado, conforme Martins.²⁰ Na outra esfera social em organização, encontramos os elementos assalariados ou integrantes de um comércio em emergência, composto por imigrantes com aspirações ao enriquecimento rápido, que pudesse levá-los de volta aos países de origem, com ascensão de riqueza e prestígio local. Os dois grupos não se confundem, quer pela composição social, quer pelos interesses típicos e diversificados.

A década de 30 é especialmente significativa para a definição do processo de desenvolvimento industrial. Do ponto de vista político, é um período de redefinição e, do ponto de vista econômico, é marcado pelos efeitos da crise internacional de 1929, que afetou mais diretamente a cafeicultura de exportação, traçando os limites da expansão possível, do esquema tradicional da economia brasileira, fundada no comércio exterior.

O crack da bolsa de Nova York em 29 provocou além de uma desestabilização, uma mudança do eixo econômico com a emergência dos Estados Unidos como centro dominante da nova constelação capitalista, reforçado durante a 2ª Guerra Mundial, quando o Brasil rompeu suas relações com a Alemanha. Estratégia do plano político de Vargas para a captação de verbas para o desenvolvimento do pós-guerra em duas frentes, a exploração do petróleo e a criação da grande siderurgia. Aí se efetua realmente a ação do Estado, naquilo que concerne mais diretamente à industrialização como uma política econômica mais direcionada para setores específicos do que para regiões politicamente demarcadas. No que se refere ao operariado fabril, eram eles na década de 20 predominantemente de origem estrangeira e, após 30, o predomínio era de brasileiros, na grande maioria, da zona rural, daí a política trabalhista de caráter paternalista que, aparentemente, melhorou as relações trabalhistas.

Posteriormente ao término da 2ª Grande Guerra, o trabalhador que vinha para o parque industrial paulista era em geral oriundo do norte e nordeste brasileiro, mão de obra disponível para a construção civil e indústrias automobilísticas. O país possuía divisas acumuladas durante a guerra, que se concentravam nos países europeus, e apresentava

²⁰ MARTINS, Op. Cit.

uma balança deficitária em relação aos Estados Unidos, cujos pagamentos não se efetuaram por questões de conversão cambial, ou por questões relativas aos acordos com os países devedores. Portanto, os recursos acumulados no exterior tornaram-se incambiáveis para solucionar os desequilíbrios internos e externos da economia brasileira. Inicia-se uma política seletiva de importações e, posteriormente, um controle maior sobre o nível dos preços internos, para controlar uma situação caótica que emergia.

A década de 50 marca um ponto de inflexão no processo de industrialização no Brasil, sobretudo em São Paulo. É esse o período em que chegou ao seu limite a substituição de importações que definiram o crescimento industrial do país durante um quarto de século. A expansão industrial ficava agora na dependência de uma dinamização do mercado interno, trazendo consequências diversas sobre a produtividade, a mão de obra e a participação dos assalariados nos produtos, com efeitos negativos sobre a expansão do mercado consumidor. Situação difícil, onde os desequilíbrios regionais, ocasionados pela migração, tornam as regiões Centro/Sul/Sudeste as áreas mais industrializadas, que se desenvolviam à custa do sacrifício das áreas mais atrasadas do país. É uma concentração industrial facilitada pelo mercado, pela disponibilidade bancária, e pela mão de obra disponível.

Após 1955, no governo de Juscelino Kubitschek, as ações políticas encaminham para um “desenvolvimento” industrial como forma de expansão de uma economia global no Brasil. Isso ao nível da execução exprimiu-se no “Programa de Metas”, que injetou verbas para tal ação. A República agora simbolizava o Grande Empresário, e as decisões eram tomadas no mais alto escalão, e trazidas ao público para a devida disseminação. Era uma forma de garantir a expansão econômica para que as tensões sociais não implodissem como efetivamente aconteceu na década posterior.

O Desenvolvimento global da sociedade brasileira através do incentivo à industrialização apresentava falhas porque havia uma vinculação entre o esquema de atuação estatal, o processo inflacionário e o investimento estrangeiro, tudo isso num contexto de expansão das necessidades de importação de bens de capital e matérias primas nessa fase mais avançada do processo de industrialização.²¹

O processo inflacionário se registrou a galope nos anos 60, nada se podia fazer para contê-lo, e poder se refletir sobre o processo de industrialização em curso, numa

²¹ COHN, G. Op. Cit.

situação tão difícil para o país. Essas questões tornaram-se um imenso desafio, não só para o empresariado interno, mas também para os grandes centros industriais exportadores, como a cidade de São Paulo, que lutaram por um mercado potencial tão amplo quanto o brasileiro, para que pudessem garantir uma posição para o futuro.

Isso significa que a mobilização política em nome da industrialização e, por essa via, do rápido desenvolvimento nacional efetivado na década de 50, deixou marcas e cobrou em seguida o seu preço, em termos do recrudescimento das tensões sociais, quando se verificou a impossibilidade de se atingirem aqueles objetivos da forma proposta.²²

Historicamente, constatamos, pois, que o enfraquecimento do Estado-Nação, cedendo poder, e perdendo funções para instituições supranacionais, anulou seus privilégios históricos, outorgando espaço ao capital privado, no que concerne, inclusive, aos serviços básicos. Essa constatação por si mesma não passa de um atestado de eficiência, ou não, do Estado, embora a tecnologia permita estabelecer o controle da sociedade, do ponto de vista técnico, financeiro, administrativo e dos meios de comunicação escritos, falados e imagéticos.

Sem dúvida, a História se renova e, mesmo tendo um fio condutor, ela não conduz a uma linearidade do passado, presente e futuro, numa relação de causa e efeito. É desafiador para o historiador do presente analisar o processo recíproco e democrático que vem preenchendo o espaço das negociações entre os Estados. Entender e analisar a perda da sua soberania em prol das organizações econômicas multinacionais melhor aparelhadas, para efetuar tarefas que antes lhes eram próprias. Internamente, entre si mesmos, os grupos de modernos Estados negociam com organizações internacionais e transacionais a perda de soberania externa. Isto se dá de tal modo que estes disponham de um conjunto de prerrogativas, de soberania, que lhes permita criar formas de atuação política transacional para os temas e problemas que não podem ser adequadamente resolvidos, nem a nível Estadual, nem sequer a nível Interestadual.²³

O progresso técnico tornou-se cada vez mais difícil de controlar, na medida em que o declínio do poder do Estado deixava-o mais difícil de monopolizar, notadamente, em um regime não-autoritário. Aparentemente, isso pareceu por em cheque o próprio sucesso decisivo via governo e Estado.

²² COHN, G. Idem, *Ibidem*.

²³ HOBBSAWN, E. *A Era dos Extremos. O breve Século XX (1914-1994)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

A história de uma cidade não é somente uma contribuição ao conhecimento do passado, que vai aumentar o patrimônio das lembranças históricas, mas permite também considerar o presente numa perspectiva mais ampla, onde a somatória das informações nos ajuda a projetar com maior consciência e responsabilidade o futuro do ambiente urbano. São Paulo é a cidade brasileira que mais cresce, ainda hoje, em pleno Século XXI. Os melhoramentos não foram globais, pois em algumas das vias as ruas ainda estreitas e irregulares, as ladeiras íngremes e mal articuladas, com acanhados largos constituem a única herança colonial. São Paulo agigantou-se. No dizer de Morse, uma cidade nova, que tende a tomar o lugar de outra antiga, no qual parece que tudo vai desaparecer como numa perspectiva de teatro, a um simples jogo mecânico²⁴.

São Paulo recebeu os benefícios e as mazelas desses processos nacionais e, diríamos até internacionais, mas como era desde sua criação uma metrópole tendencialmente forte, desenvolveu suas atividades econômicas, políticas e sociais, entrando tranquilamente nos anos subsequentes como uma megalópole, ou seja, com várias cidades e povos numa só cidade, desvelando um grande potencial, o que a torna uma cidade importante e única na sua trajetória histórica nacional e internacional, tanto no cotidiano urbano quanto na literatura e historiografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELINO, Y. D. De Além-Mar à Terra da Garoa: Travessias Portuguesas, In: SARGES, M. de N. Et. Al. (Orgs.). *Entre Mares: O Brasil dos portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

_____. História e Globalização, In DOWBOR, L. (Org.) *Desafios da Globalização*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BAUDELAIRE, C. *As Flores do Mal*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

BENJAMIN, W. O Flaneur, In: *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas, Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas, Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANCO, F. *Postais Paulistas*. São Paulo: SENAC, 2002.

²⁴ MORSE, R. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: DIFEL, 1970.

BRESCIANNI, M. S. M. História e Historiografia das cidades. Um percurso, In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

COHN, G. Problemas da Industrialização no Século XX, In: MOTTA, C. G. *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Escritos, 1968.

DUPRÉ, M. J. *Éramos Seis*. São Paulo: Ática, 1994.

FERRARA, L. F. *O Olhar Periférico*. São Paulo: EDUSP, 1999.

HOBBSBAWN, E. *A Era dos Extremos*. O breve Século XX (1914-1994). São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MARTINS, J. de S. *O Cativo da Terra*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MORSE, R. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: DIFEL, 1970.

MUNFORD, L. *A Cidade na História*: Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NORA, P. *Les Lieux de Memorie*. Paris: Gallinard, 1984.

PESAVENTO, S. J. (Org). *História Cultural*. Experiências de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SARLO, B. *Paisagens Imaginárias*. Arte intelectual e meios de comunicação. São Paulo, EDUSP, 1997.

STREET, J. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 11/12/1912.

TEIXEIRA, P. P. *A Fábrica do Sonho*. Trajetória do industrial Jorge Street. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

TOLEDO, B. L. de. *São Paulo: Três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

